

6

Web

Pensar a homossexualidade no século XXI passa pelo entendimento da mudança de cenário ocorrida com o advento da *web* e o surgimento da nova tecnologia da informação e comunicação que surgiu em seu rastro. O novo ambiente da rede mundial de computadores e os novos dispositivos desenvolvidos pela tecnologia de informação e comunicação determinaram um cenário bem diferente daquele do século XX para os homossexuais.

A prospecção de contatos com as mais diversas demandas sexuais e afetivas, através das novas tecnologias e dispositivos, ampliou a possibilidade de manejo no desenvolvimento das interações humanas nesse campo. Os encontros, os diálogos e as conquistas passaram a acontecer protegidas com relação ao olhar panóptico de uma sociedade conservadora, machista, heterossexista compulsória e heteronormativa. A internet e o desenvolvimento da tecnologia de informação e comunicação conferiram uma nova territorialidade tanto ao público homossexual como ao heterossexual.

Pode-se localizar o momento da grande virada no final dos anos 1980 com o desenvolvimento do protocolo de comunicação e trocas de arquivo voltado para bate-papos chamado *Internet Relay Chats* (retransmissor de bate-papos da internet). Mais conhecido pela acrossemia IRC, possibilitou a formação da rede IRC, composta de servidores que abrigam os canais, ou salas de bate-papo ou *chat*.

Em pesquisa realizada no final da década de 1990, para o Centro de Pesquisa de Mídia de Massa na Escola de Jornalismo e Comunicação de Massa da Universidade de Colorado, David Shaw (1993) chega a uma conclusão interessante sobre o convívio da comunidade gay com o IRC: para os gays, a vida real e participar da comunicação mediada por computadores formam uma espécie de relação simbiótica, com toda a experiência virtual que o IRC trouxe. A maior parte das pessoas nas comunidades gays descobriu o IRC por intermédio de outros frequentadores da comunidade e os contatos, assim como os novos relacionamentos do IRC, eram desenvolvidos e alimentados por uma experiência exterior aos limites da comunicação mediada por computadores.

Nesse trabalho, Shaw também faz referência a um texto escrito por Roland Barthes como “ponto de partida ideal para analisar a comunicação humana através do computador”, por refletir sobre a condição dos indivíduos, em especial dos que estão numa situação amorosa ou desejosa, face à ausência do outro. (Shaw, 1997, p. 133)

A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras. Minha linguagem treme de desejo. A emoção de um duplo contacto: de um lado, toda uma atividade do discurso vem, discretamente, indiretamente, colocar em evidência um significado único que é “eu te desejo”, e liberá-lo, alimentá-lo, ramificá-lo, fazê-lo explodir (a linguagem goza de se tocar a si mesma); por outro lado, envolvo o outro nas minhas palavras, eu o acaricio, o roço, prolongo esse roçar, me esforço em fazer durar o comentário ao qual submeto a relação. (Barthes, 1981, p.64)

Nos anos 1990, com o sistema operacional *Windows*, ao utilizar o mensageiro do *Windows*, o *Messenger*, o IRC evoluiu para MIRC, ou *Messenger IRC*, que incorporou todos os recursos do novo sistema operacional. Com o MIRC, os usuários se conectavam em salas de bate-papo e em chats privados utilizando o *Private Internet Access* (acesso privado à internet). Dentre as inúmeras finalidades de acesso às salas de bate-papo, uma delas era a finalidade de prospecção com vistas a ampliar a teia de contatos com finalidades sociais, afetivas ou sexuais. Geralmente estas salas são classificadas segundo os mais diversos critérios.

O pioneiro em organizar as salas de bate-papo de maneira profissionalizada e organizada no país foi o Universo On Line, UOL, no ar desde 28 de abril de 1996, a maior empresa de conteúdo e serviços de internet do Brasil. Ela integra as empresas controladas pela Folha da Manhã S/A, também controladora dos jornais Folha de São Paulo e Agora São Paulo.

Ao criar as salas de bate-papo, o UOL organizou os diversos interesses e o aspecto da regionalidade, indexando as salas de acordo com os critérios de interesse por assuntos, classificação por faixas etárias e localidades. No exemplo a seguir, pode-se verificar a existência, na data de acesso, de 7.577 salas de chat (bate-papo), com 378.850 lugares.



Fig.11: Página inicial de abertura das salas de chat do UOL.¹

No índice relativo às salas de sexo, abre-se a possibilidade para diversas modalidades, inclusive a de Sexo Virtual e, dentre elas, a de Gays, Lésbicas e Afins, desdobrada em Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e *Crossdressers*.

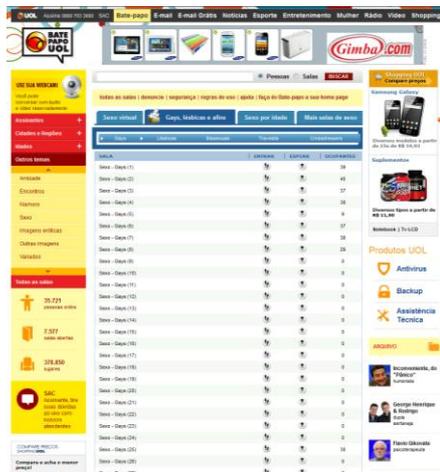


Fig. 12: Abertura das salas de chat do UOL (1).²

Com base nos indicadores existentes, cabe constatar um fato já mencionado: as lésbicas não se veem como gays ou homossexuais. Estes são termos ligados ao imaginário masculino homossexual com os quais elas não se

¹ <http://batepapo.uol.com.br/bytheme.html?nodeid=520716>. Acesso em 08/08/2013.

² <http://batepapo.uol.com.br/bytheme.html?nodeid=674177>. Acesso em 08/08/2013.

identificam. No plano identitário de gênero, exigem a classificação diferenciada como lésbicas.

O termo *crossdresser* se emprega à situação em que uma pessoa, por qualquer razão, se caracteriza como do sexo oposto. Pode ser por meio de roupas, objetos ou qualquer referencial. Casais não homossexuais praticam *crossdressing*, por exemplo. Não é uma experiência necessariamente ligada à orientação ou opção sexual. Um(a) *crossdresser* pode ser heterossexual, homossexual, bissexual transexual ou mesmo assexual.

Levando-se em consideração a abrangência e a importância do bate-papo UOL como uma amostra do que acontece na prática, na vida não virtual, a utilização da expressão *crossdresser* tem o objetivo de expandir consideravelmente a abrangência do manejo de gêneros, não limitando o espectro de participação nas salas dedicadas apenas aos travestis nem criando mais duas que, seguindo a classificação do movimento, seriam transexuais e transgêneros. O UOL parece ter utilizado esse artifício em função do atendimento às necessidades de uma demanda diferenciada e quantitativamente expressiva de possibilidades de participação. De qualquer forma, cabe refletir se a atual classificação LGBT consegue indexar as variações de gênero ou limitaria as possibilidades que estão surgindo nos perfis de novos comportamentos contemporâneos.

Outras salas atendem aos acessos homossexuais com as demandas mais diversificadas ainda, não apenas com o vetor de sexo. Os indexadores *Namoro Virtual*, *Paquera*, *GLS*, *Festa Virtual* e *Mais Salas* tentam corresponder a outras expectativas. É interessante notar, no *Mais Salas*, o lugar para os *Traídos* estabelecerem vínculo, no melhor estilo das rede de solidariedade.



Fig. 13: Abertura das salas de chat do UOL (2).³

³ <http://batepapo.uol.com.br/bytheme.html?nodeid=526221>. Acesso em 09/08/2013.

incorpora todas as novas facilidades da tecnologia da informação e comunicação, tais como vídeo *on line*, conversa reservada.



Figs. 16/17: Páginas de entrada no site Disponível.Com.⁶

Através da página de cadastro é configurado o perfil do usuário, segundo dados pessoais, o que se procura e preferências sexuais. Nesse caso, existem 4 opções: “prefiro não dizer”, “ativo”, “passivo” ou “versátil”. Este esquema classificatório predomina em praticamente todos os sites e aplicativos de relacionamento gay masculino na web, podendo sofrer pequenas variações. Essa classificação é um tanto quanto rígida e costuma ser resolvida nos bate-papos, em que surgem as categorias ativo/versátil e passivo/versátil, não existentes no esquema classificatório. Os diálogos geralmente são entabulados na sequência: “de onde tecla?” (ou “onde mora?”) “o que curte” e “tem foto?”. A resposta à pergunta “o que curte”, associada à natureza das fotos (partes do corpo que exhibe, expressão facial, postura etc.), ajuda a compor o perfil do interlocutor e enfatizar a sua preferência sexual.

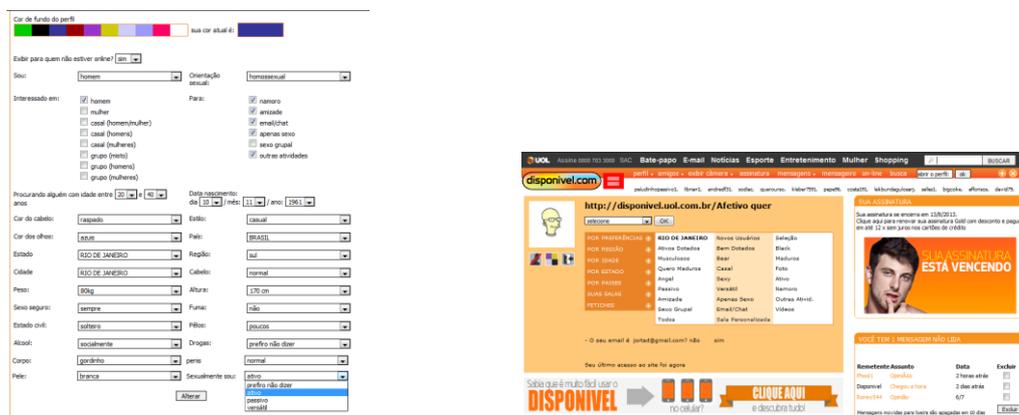


Fig.18: Informações gerais de cadastro.⁷ Fig. 19: Uma página de perfil.⁸

⁶ <http://disponivel.uol.com.br/web/>. Acesso em 09/08/2013.

⁷ <http://disponivel.uol.com.br/web/perfil/alteracadastro.asp>. Acesso em 09/08/2013.

É interessante notar um fato que aparece em vários sites e aplicativos gays masculinos: a rejeição explícita ao comportamento afeminado explicitada em diversos perfis de homens, não apenas ativos. Em perfis de um grande número de homens passivos costuma haver uma espécie de cláusula de rejeição a homens versáteis, ou seja, que flexibilizam o comportamento sexual podendo ser ativos ou passivos. Garotos de programa convivem com usuários não profissionais na galeria de perfis. Alguns se explicitam como tal através da sigla GP. Pode-se dizer que a vitrine virtual de rostos e corpos é a mais democrática e diversificada possível.

O modelo de negócios do Disponível.Com é estruturado a partir de assinaturas de usuários especiais, que contam com acesso a um número maior de facilidades do que os convencionais, publicidade de assuntos e temas diversos inserida, e os sites *Atirados* e *Safados*. *Atirados* se posiciona como uma *sex boutique* virtual que vende *on line* uma grande oferta de produtos, de cuecas a masturbadores, passando por géis, dispositivos de aumento peniano e acessórios em geral. O *Safados* vende assinaturas para acesso a vídeos pornôns masculinos *on line*.



Fig.20: Site Atirados.⁹



Fig. 21: Site Safados.¹⁰

Em linha com o Universo On Line e fazendo parte do mesmo esquema, existe o portal MixBrasil, uma iniciativa do empresário André Fischer, o responsável pela criação da sigla que referencia Gays, Lésbicas e Simpatizantes, GLS. O portal tem como missão “ampliar o conceito de identidade, criar um mercado e formar profissionais para difundir cultura e produzir entretenimento sob o ponto de vista gay”. A visão é “ser líder entre os

⁸ <http://disponivel.uol.com.br/web/home.asp>. Acesso em 09/08/2013.

⁹ <http://atirados.com.br/index.php>. Acesso em 10/08/2013.

¹⁰ <http://safados.net/videos-de-homens>. Acesso em 10/08/2013. Observação: uma foto pornográfica que não cabia aqui, desnecessariamente, evidenciar, foi coberta pelo retângulo na cor azul.

veículos de comunicação direcionados ao segmento gay e referência nas informações e ações culturais de interesse GLS”. Os valores são “ética, coragem, pioneirismo proatividade, apoio à comunidade LGBT, comprometimento, integridade, valorização do pessoal, originalidade, luxo e beleza (principalmente externa)”. Tal como o Disponível.Com o faz através do Atirados, o Mixbrasil também disponibiliza vídeos pornôis homossexuais masculinos por assinatura.



Fig.22: Portal Mixbrasil.¹¹

O Mixbrasil também possui um site que se autorreferencia como “o maior site de namoros gays do Brasil”, o Mixencontros.



Fig.23: Site Mixencontros.¹²

Além dos sites brasileiros de bate-papo gay, existem os internacionais, amplamente conhecidos e frequentados por brasileiros, tais como o Gaydar, voltado para homens em geral, de todos os perfis, e o Silverdaddies,

¹¹ <http://mixbrasil.uol.com.br>. Acesso em 10/08/2013.

¹² <http://mixencontros.gencontros.com.br/jsp/login.jsp?orig=1469&redirect=/servlet/ListMailBoxServlet;boxname=inbox;setpage=1&lang=0>. Acesso em 10/08/2013.



Fig. 27: Site para lésbicas Dykerama.¹⁶



Fig. 28: Site/twitter para lésbicas Dykerama.¹⁷

Quando fazia o levantamento para a realização deste trabalho, conversei com homossexuais masculinos e femininos em evento de lançamento de uma loja de moda gay masculina da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Estranhando a inexistência, hoje, de uma revista homossexual feminina e a carência de sites e de aplicativos homossexuais femininos, perguntei para homens e mulheres homossexuais sobre o que ele(a)s pensavam que determinasse o fato. A resposta veio em tom de humor, mas revela como o meio homossexual se enxerga. Os homens disseram que as lésbicas passam tanto tempo discutindo a relação que não sobra tempo ou energia para se dedicar a outra coisa. Guardadas as devidas proporções, para meu espanto o comentário obtive a concordância por parte das lésbicas presentes na ocasião.

Há todo um *business* estruturado em torno dos perfis homossexuais em rede. Todo dia é um novo site ou aplicativo que surge, seja de origem nacional ou internacional. Mesmo essa questão do nacional/internacional é totalmente flexibilizada ao se analisar o comportamento em rede dos participantes de sites

¹⁶ <http://dykerama.uol.com.br/dykerama>. Acesso em 11/08/2013.

¹⁷ <https://twitter.com/dykerama>. Acesso em 11/08/2013.

e aplicativos gays. O território, nesse caso, é o fato de que todos os conectados fazem parte da “nação gay”, independentemente da nacionalidade.

Mas no plano nacional é importante ressaltar a condição praticamente hegemônica do Universo On Line e do empresário André Fischer. Como mencionado, Fischer criou a expressão GLS, introduzindo a noção de ‘simpatizantes’. Ela representou uma ponte segura para curiosos com relação à cultura homossexual e, mais do que isso, para o grande contingente de pessoas que se mantêm no armário e precisam se sentir mais protegidas para lidar com a homossexualidade.

6.1 *Gaymobile*¹⁸

A web viabilizou contatos, prospecção afetiva, manejo identitário, aproximações e trocas permanentes entre os homossexuais. Tudo isso em ambiente de rede, em que os participantes estão protegidos da discriminação, da rejeição ou até da abjeção que sofriam. Paralelamente à web, a tecnologia da informação e comunicação teve um grande impulso com o desenvolvimento dos celulares. A mobilidade proporcionada por estes aparelhos, o envio automático de mensagens e a conexão à internet, representaram a onipresença da conexão.

No estudo *Jovens e celulares: a cultura do atalho e da sociabilidade instantânea*, Ana Maria Nicolaci-da-Costa analisa a preocupação dos psicólogos, sociólogos e filósofos com as novas formas de sociabilidade a distância possibilitadas pela internet e pela telefonia celular. Cita alguns psicólogos norte-americanos, tais como Kimberly Young¹⁹ e David Greenfield²⁰, que teriam chegado a identificar “a emergência de uma nova patologia, que acometia principalmente os jovens: a do vício na internet”. (Nicolaci-da-Costa, 2006, p. 54)

¹⁸ A importância do advento da tecnologia da informação e comunicação para dar fluxo à homossexualidade foi tão grande que mereceu o neologismo criado, *gaymobile*, para referenciar conceituando ou conceituar referenciando.

¹⁹ YOUNG, Kimberly S. *Caught in the Net: how to recognize the signs of the Internet addiction and winning strategy for recovery*. Nova Iorque: Hohn Wiley & Sons, 1998.

²⁰ GREENFIELD, David. *Virtual addiction: help for netheads, cyberfreaks, and those who love them*. Nova Iorque: New Harbinger Publications, 1999.

Como exemplo das análises qualificadas pela pesquisadora como nostálgicas²¹, entre os sociólogos, cita Richard Sennett e Zygmunt Bauman. Para Sennett, “no curto prazo das comunicações eletrônicas, as relações interpessoais se tornaram passageiras, volúveis, superficiais”²². Bauman argumenta que “a instantaneidade e a virtualidade das comunicações eletrônicas estão provocando o enfraquecimento e a decomposição dos laços humanos, das comunidades e das parcerias”²³. Entre os filósofos refere-se ao trabalho de Baudrillard²⁴ e Paul Virilio²⁵ que veem as mudanças com grande pessimismo. A autora reproduz uma frase de Virilio: “Como se pode viver verdadeiramente se o aqui não o é mais e se tudo é agora?”. Esse questionamento revelaria o medo do encarceramento do ser humano em um ambiente geofísico, reduzido a nada, o que seria uma decorrência da nova sociabilidade mediada por computadores e/ou celulares.

Para investigar estas questões, Nicolaci-da-Costa, que desde os primórdios da difusão da internet no Brasil estuda o fenômeno, realizou uma pesquisa exploratória, utilizando entrevistas individuais em profundidade entre jovens na faixa compreendida entre 18 e 25 anos, pertencentes às camadas médias cariocas. A escolha de jovens deveu-se ao fato de terem sido apontados na época como os maiores usuários, por diversos estudos internacionais.

Os resultados das entrevistas mostram que as relações interpessoais entre os jovens não estavam se tornando mais frágeis, superficiais, passageiras ou menos solidárias, como apontavam Sennett ou Bauman. E nem havia qualquer vestígio de encarceramento na virtualidade, uma preocupação dos filósofos, dentre eles Virilio. Ao contrário, a mobilidade, a instantaneidade, a personalização e a objetividade do acesso, características da comunicação a

²¹ Nicolaci-da-Costa refere-se ao conceito de *pathos* nostálgico (em relação à modernidade) na avaliação das novas formas de sociabilidade, conceituado por Fredric Jameson no trabalho *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* (São Paulo: Ática, 1997).

²² SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record: 1998.

²³ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar: 2001.

²⁴ BAUDRILLARD, Jean. *A Ilusão Vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

²⁵ VIRILIO, Paul. *O espaço crítico e as perspectivas do tempo real*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

distância via celulares, intensificava a rede de sociabilidade de uma forma bem intensa.

A despeito do pessimismo de Virilio, os resultados da pesquisa realizada mostram com clareza que esses jovens e suas redes sociais não serão encarcerados na virtualidade. Tal como no caso de outros aspectos da vida social – a exemplo do poder e do capital –, sua extraterritorialidade é apenas parcial. Eles vão “se falando” naquele que Castells²⁶ chamou de espaços dos fluxos, para se encontrar em algum ponto do espaço convencional: na praia, na fila do cinema, na sala de aula, no bar... (Nicolaci-da-Costa, 2006, p. 54)

Essa reflexão sobre os “espaços dos fluxos” leva a um aspecto importante, que é o da comutação, do estar *on line* e/ou estar *off line*, principalmente o estar *on “e” off* simultaneamente. Recentemente esse fato foi ressaltado pela escritora e jornalista Elizabeth Lorenzotti, em trabalho que analisa os acontecimentos das manifestações políticas que ocorreram a partir de junho de 2013 no Brasil e seus desdobramentos, como a perda de centralidade da mídia convencional com relação à informação face à nova realidade de compartilhamento das redes. (2013).

Ela ressalta que, nas manifestações, as pessoas se comunicam pelas redes sociais, pautam ações, assistem às transmissões ao vivo pela mídia alternativa, vão para as ruas, são atores dessa mesma mídia, voltam para casa, são espectadores. Não há um padrão rígido de comutação *on/off* linear, tradicional. A escritora-jornalista caracteriza o estado de estar *on line* e *off line* simultaneamente como o novo ambiente de “cibridismo”²⁷, utilizando a conceituação desenvolvida por uma estudiosa que se diz não acadêmica, a antropóloga ciborgue norte-americana Amber Case²⁸.

A antropóloga afirma que hoje todos somos ciborgues²⁹, uma vez que o que define um ciborgue, no seu entendimento, seria um organismo ao qual foram adaptados componentes exógenos artificiais para adaptá-lo a um novo ambiente. Ela pergunta: o que seria o *homo sapiens* atual, clicando coisas e

²⁶ CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. “O espaço dos fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos” (p. 436-437).

²⁷ Pesquisadores de arte e de web entendem que o futuro, hoje, indica uma realidade híbrida em que, através de celulares e redes, estamos *on line* e *off line* o tempo todo.

²⁸ http://www.youtube.com/watch?v=_TiU9p0KTSE. Acesso em 13/08/2013.

²⁹ Termo criado em 1960 para caracterizar um ser humano capaz de sobreviver no espaço sideral.

olhando para telas que são a extensão do seu eu mental? Caracteriza também a preocupação atual que todos temos na manutenção do seu duplo eu, o eu digital. Mostra que cuidamos da nossa vida digital da mesma forma que fazemos ao tomarmos banho e nos arrumarmos, ao cumprirmos a nossa rotina diária, quando cuidamos do eu análogo.

A antropóloga também entende que hoje as crianças que já nascem nessa realidade possuem duas adolescências, a primária e a do segundo eu, o eu digital. Case também estende este conceito de adolescência a todas as pessoas que entram na rede, independente da idade, ao passarem, igualmente, por uma adolescência digital. Manifesta profunda preocupação com a cultura do “resolva-se-tudo-num-clique”, o que levaria as pessoas mais jovens a se afastarem cada vez mais de qualquer forma de reflexão, fator determinante para a construção de uma identidade. Caracterizando os celulares, Case lembra que através deles, com a compressão de tempo e espaço, as pessoas não se transportam apenas física, mas, sobretudo, mentalmente.

O salto definitivo para o *gaymobile* viria recentemente, com a convergência tecnológica, a reengenharia dos celulares e o surgimento dos *smartphones*. Os novos aparelhos, muito além de telefones celulares, funcionam como verdadeiros PDAs³⁰ telemóveis, conectados à internet, contam com localizador e rastreador GPS³¹ e uma quantidade enorme, sempre renovada e atualizada, de recursos e aplicativos. Há cerca de cinco anos, Henry Jenkins, pesquisador que coordenava o programa Estudos de Mídia Comparada do Massachusetts Institute of Technology, MIT, já desenhava o novo cenário.

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembrem-se

³⁰ PDA ou *personal digital assistants* (assistente pessoal digital) é um computador com dimensões reduzidas, com grande capacidade computacional. Os PDA têm uma série de funções: agendam, programam coisas, se interconectam com computadores pessoais e com redes em geral, acessam a internet, e-mails, etc.

³¹ GPS ou *Global Positioning System* ou sistema de posicionamento global é um sistema de navegação orientado por satélite através de um aparelho móvel que envia informações sobre a posição de algo em qualquer horário e em quaisquer condições de temperatura. Foi criado em 1973 para ser utilizado em navegação marítima. Hoje orientam as pessoas em geral, localizando-as nas cidades, rodovias, em viagens etc.

disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. Não haverá uma caixa preta que controlará o fluxo midiático para dentro de nossas casas. Graças à proliferação de canais e à portabilidade das novas tecnologias de informática e telecomunicações, estamos entrando numa era em que haverá mídias em todos os lugares. A convergência não é algo que vai acontecer um dia, quando tivermos banda larga suficiente ou quando descobriremos a configuração correta dos aparelhos. Prontos ou não, já estamos vivendo numa cultura da convergência. (2008, p. 41)

A nova cultura homossexual que se estabeleceu em território seguro, ainda que virtual, com a flexibilidade proporcionada pela tecnologia, a onipresença proporcionada pela mobilidade e a exposição sigilosa mediada pela web, foi geometricamente multiplicada com os *gadgets* do século XXI. Por meio dos novos aplicativos especializados em contatos gays, o antigo *chat*, ou bate-papo, evoluiu para uma interação muito rica.

Hoje, por seu intermédio pode-se rastrear um contato e identificá-lo como local, regional, nacional ou internacional, saber a distância, que é fornecida automaticamente pelo GPS em tempo real. Ao entrar em aplicativos, são cruzados os interesses através de identificação de preferências, trocas de fotos, de vídeos e agendados encontros imediatos ou posteriores. Desenvolvendo a conversação, vai sendo modulada a conversa instrumental, que poderá conduzir a um encontro presencial, transferir o bate-papo para outro aplicativo de rede social, de bate-papo, migração para uma conversa através de celulares etc.

Os *smartphones*, com seus novos aplicativos de aproximação gay desenvolvidos no exterior e baixados nos próprios aparelhos, estabeleceram um cenário de extrema velocidade, agilidade e onipresença para as trocas homossexuais. Ao se conectar, o usuário assume uma presença global, em tempo real, diante de uma ágora homossexual.

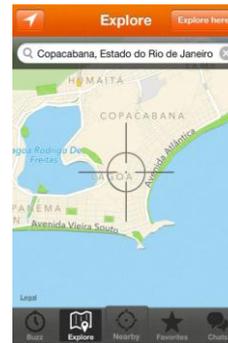
Com a entrada dos novos aplicativos para os atuais *smartphones*, os antigos sites de relacionamento, tanto estrangeiros como nacionais, estão passando por adaptações para sobreviver no ambiente ciborgue dos *smartphones*. Na verdade estes aparelhos, hoje, acabaram adquirindo o status de mini *tablets*, com todo o potencial conectivo, flexibilidade e mobilidade do celular aliados aos mais sofisticados dispositivos de acesso ao compartilhamento das informações em rede.



Fig. 29: Aplicativo Grindr.



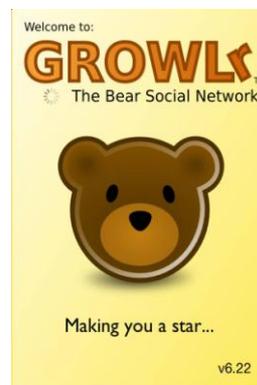
Figs.30/31: Aplicativo Hornet (vespão) para smartphones, com rastreador e mapa.



Figs.32/33/34: Aplicativos Scruff, Gaydar e Badoo.



Fig.35: Tentativa de adaptação do Disponivel.Com para smartphones.

Fig. 36: Growlr³², aplicativo segmentado, dirigido aos ursos (mais gordos e peludos) que gostam de ursos e de *otters* (lontras, lisos e esguios) e aos *otters* que gostam de ursos.

³² *Growl* é rugido, rosnadura. Growlr funciona como uma onomatopeia, ao acrescentar o “r” e reproduzir o que seria o rugido.

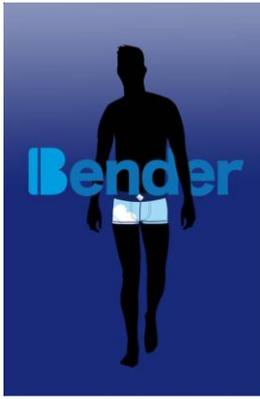


Fig. 37: Aplicativo Bender³³



Fig. 38 : Abertura do aplicativo Brenda, versão feminina do Bender, aplicativo homossexual feminino localizado.

Estas foram as bases da territorialidade obtida pelos homossexuais a partir do ambiente em rede da web e das novas tecnologias de comunicação e informação, o *gaymobile*. Os “espaços dos fluxos”, tão bem caracterizados por Castells, foram ocupados, gradativamente, pela cultura homossexual. O nomadismo de uma “tribo” abjeta para a cultura *mainstream* vem encontrando, na condição ciborgue, a instrumentalização proporcionada por um ciberambiente paralelo e seguro, conectado *on/off*, fluindo na dinâmica da comutação entre rede e presencial. Ambos mundos, ambos reais.

Um bom exemplo da importância do *gaymobile*, bem como da perda de centralidade informativa da grande mídia, tão bem caracterizada pelo trabalho já citado de Elizabeth Lorenzotti, foi evidenciada por um fato recente que assumiu repercussão nacional e internacional. Em 3 de abril de 2013, a cantora Daniela Mercury postava na rede social Instagram uma declaração de amor a outra mulher, a jornalista baiana Malu Verçosa, caracterizada, nesta postagem, como sua esposa.

³³ Em inglês norte-americano significa festa, farra.



Fig. 39: Post de Daniela Mercury no Instagram.

A mensagem é absolutamente econômica, assertiva e romântica. Foi disponibilizada a todos, democraticamente e ao mesmo tempo: público e mídia. No mesmo instante, da mesma forma, com as mesmas imagens e palavras, via-se uma composição de fotos corriqueiras, de dia a dia, e lia-se: “Malu agora é minha esposa, minha família, minha inspiração para cantar”.

Telejornais, programas de auditório, de entrevistas, de assuntos diversos, revistas em geral, jornais, rádios, todos reproduziam ou descreviam a mesma referência noticiosa, postada no perfil da usuária Daniela Mercury na rede social Instagram. Uma das cantoras brasileiras mais populares, cantora de mídia de massa, e uma jornalista profissional não conduziram a divulgação da informação dessa forma por acaso.